

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT15.007

OS PROCESSOS REFERENCIAIS E A CONSTRUÇÃO DA ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA DO TEXTO: ANÁLISE DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida¹

RESUMO

Este artigo tem como propósito analisar, à luz dos conceitos da Linguística Textual, a utilização de processos referenciais em artigos de opinião veiculados na revista *Veja*, na seção *Coluna*, e investigar se esses processos influenciam a orientação argumentativa dos textos. Para tanto, examinamos os processos referenciais e analisamos como os objetos de discurso são (re)categorizados de acordo com os propósitos comunicativos do enunciador. Trata-se de um estudo com características de pesquisa qualitativa e método dedutivo, que nos permite observar que as marcas argumentativas no texto se utilizam de processos referenciais, como as formas nominais definidas e indefinidas, introduções referenciais e anáforas indiretas. Deste modo, investigamos os processos referenciais e analisamos como os objetos de discurso são (re)categorizados de acordo com o projeto de dizer do produtor. Fundamentamo-nos nas concepções teóricas de Marcurschi (2008), Koch (2015), Fávero e Koch (1988), entre outros autores que consideram o texto como um processo; e nos estudos de Mondada e Dubois (2015), Cavalcante; Custódio Filho; Brito (2014), Cavalcante (2014), Koch (2015), entre outros aportes que destacam a importância de se compreender a referenciação como uma atividade discursiva. O estudo indica que os referentes são construídos no e pelo discurso e são introduzidos e retomados estrategicamente para imprimir o ponto de vista do enunciador. Outrossim, os processos referenciais mencionados refletem o caráter argumentativo das escolhas feitas e mostram como os sentidos são negociados dentro da

¹ Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), eiannyabrantes@gmail.com;

esfera argumentativa. Assim, os processos referenciais contribuem com a dinâmica argumentativa do texto e os objetos de discurso são introduzidos, retomados e (re) categorizados a depender dos propósitos comunicativos do enunciador.

Palavras-chave: Referenciação, Processos referenciais, Argumentação, Artigo de opinião.

INTRODUÇÃO

Durante o processo dinâmico de interagir com o outro, utilizamos escolhas que imprimem nossa marca como sujeitos construídos sócio-histórica e culturalmente e que revelam nossas posições como autores de nossas ações. Nesse contexto, destacamos que a referenciação é uma atividade discursiva que se utiliza de mecanismos linguísticos para promover a construção de determinados efeitos de sentido.

Deste modo, o estudo da referenciação tem contribuído de maneira significativa com as pesquisas realizadas no campo da Linguística Textual (doravante LT), pois essa vertente teórica não vê o texto simplesmente como um produto, mas considera o seu processo de construção de sentidos, analisando fatores que estão além da materialidade linguística. Assim, a LT não estaria somente preocupada com aspectos linguísticos apresentados na estrutura superficial do texto, mas com a capacidade de articulação de suas partes constituintes e com a competência comunicativa dos usuários da língua nas mais diversas esferas sociais.

Vale ressaltar que os processos referenciais contribuem para a (re)construção do mundo, pois os objetos de discurso são categorizados de determinadas maneiras em detrimento de tantas outras formas possíveis, imprimindo, assim, a visão do seu enunciador.

Deste modo, por meio das pesquisas no campo da referenciação, os objetos de discurso passam a ocupar um lugar de destaque nos estudos da linguagem. Tais estudos objetivam analisar como as coisas do mundo são interpretadas, a partir da visão que os interactantes constroem ao longo do seu percurso como sujeitos historicamente situados. Destacamos, nessa perspectiva, estudos de Mondada e Dubois (2015), Apothéloz (2015), entre outros autores que trabalham com os processos referenciais, considerando as atividades discursivas.

Com base no entendimento de que os processos referenciais possibilitam a compreensão daquilo que está nas entrelinhas do texto, nas várias formas de manifestação da linguagem, seja através de textos orais ou escritos, surge a necessidade de investigar o emprego de processos referenciais em artigos de opinião e, ainda, se tais processos, de alguma maneira, afetam a orientação argumentativa dos textos desse gênero.

O nosso *corpus* constitui-se de um artigo publicados na revista *Veja*, seção Coluna. Selecionamos esse material para análise por se tratar de uma revista de ampla divulgação nacional e que está presente no cotidiano de muitos leitores

brasileiros. Por sua vez, a seleção do gênero artigo de opinião justifica-se pelo entendimento de que esses textos apresentam uma base dissertativa e utilizam-se da linguagem com o propósito de persuadir o leitor a aderir à determinada ideia apresentada.

A proposta de trabalho que ora se apresenta objetiva realizar uma pesquisa que, quanto à natureza dos dados, pode ser classificada como qualitativa, visto que trabalhamos com as concepções acerca do trabalho com a escrita na perspectiva das práticas interativas e com interpretações da realidade social. Deste modo, segundo Triviños (1987, p. 129), “os significados, a interpretação, surgem da percepção do fenômeno visto no contexto”. Assim, compreendemos que o pesquisador possui uma postura ativa no processo de construção da análise do *corpus* e, por meio dos dados apresentados e do método selecionado, realiza as interpretações.

Este trabalho divide-se em quatro seções. Na introdução, apresentamos brevemente alguns aspectos do fenômeno da referenciação, bem como o nosso objetivo e o *corpus* que constitui este artigo. Em um segundo momento, na metodologia, discutimos o percurso traçados diante dos dados coletados. No terceiro tópico, abordamos o fenômeno da referenciação e refletimos sobre a manifestação dos processos referenciais e suas implicações no texto. Além disso, fazemos a análise dos dados, apresentamos a ocorrência de expressões nominais definidas e indefinidas, anáforas indiretas e introduções referenciais, analisando com esses processos podem afetar a orientação argumentativa dos textos. Por fim, nas considerações finais, sintetizamos os resultados obtidos e mencionamos algumas contribuições e perspectivas de aplicação para o estudo.

METODOLOGIA

Para a análise dos processos referenciais, embasamo-nos, essencialmente, nos pressupostos da Linguística Textual, pelos autores Fávero e Koch (1988), Marcuschi (2012), Koch (2003, 2015), que compreendem o texto como um processo em constante desenvolvimento, e nos autores Mondada e Dubois (2003), que discutem a referenciação como uma atividade discursiva. Em relação à metodologia, utilizamos as orientações de Gil (2008) e Chizzoti (1991), que nos orientam como proceder o passo a passo da pesquisa científica.

Esta pesquisa se constitui em um estudo sobre os processos referenciais, abordando, com maior ênfase, a introdução referencial, o uso de expressões

nominais definidas e indefinidas e as anáforas indiretas, refletindo de que modo esses processos contribuem com a orientação argumentativa do texto. Temos como *corpus* um artigo de opinião da revista Veja – sessão Coluna.

Para a realização de toda e qualquer pesquisa, é necessário o desdobramento metodológico que visa subsidiar tanto o processo quanto a concretude do trabalho final. Assim, a proposta de trabalho que ora se apresenta objetiva realizar uma pesquisa que, quanto à natureza dos dados, pode ser classificada como qualitativa, visto que trabalharemos com as concepções acerca do trabalho com a escrita na perspectiva das práticas interativas e com interpretações da realidade social. Deste modo, segundo Triviños (1987, p. 129), “os significados, a interpretação, surgem da percepção do fenômeno visto no contexto”. Diante das reflexões apresentadas, compreendemos que o pesquisador possui uma postura ativa no processo de construção da análise do *corpus* e, por meio dos dados apresentados e do método selecionado, realiza as interpretações.

Abordamos, no estudo, aspectos de interpretação que envolvem o uso efetivo da linguagem em determinado contexto social. Assim, no gênero analisado, o efeito causado pelo uso das introduções referenciais, formas nominais definidas e indefinidas, anáforas indiretas são essenciais para a compreensão global do texto. Justificamos, deste modo, a escolha pela pesquisa qualitativa corroborando com o pensamento de Chizzotti (1991, p. 79) quando afirma que a abordagem qualitativa “parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objeto e a subjetividade do sujeito”.

Percebemos que não há como desvincular o uso da linguagem das práticas humanas, assim como não há como analisar os objetos do discurso como estruturas que representam de modo uniforme as coisas do mundo. Os sentidos são partilhados e construídos discursivamente, porque o usuário da língua atua como um construtor social que faz escolhas intencionais para determinar a sua visão de mundo.

Em relação ao método utilizado, optamos pelo dedutivo, em virtude de partirmos de um processo maior, a referenciação, para algo mais específico, os processos referências presentes no gênero artigo de opinião, buscando esclarecer como tais procedimentos influenciam na orientação argumentativa apresentada no texto.

Convém ressaltar que o artigo será analisado, considerando os elementos linguísticos e extralinguísticos pertinentes à produção escrita, com intuito de se traçar um perfil argumentativo do texto em análise por meio dos processos referenciais. Ainda vale salientar que, de acordo com os desdobramentos da pesquisa, será possível alterar os procedimentos metodológicos com o intuito de alcançar os objetivos traçados.

A partir da seleção do *corpus*, fizemos uma pré-análise, buscando identificar quais os processos referenciais são mais recorrentes nos artigos em estudo. Constatamos que os processos que se repetiam com maior ênfase nos textos eram as introduções referenciais, as formas nominais definidas e indefinidas e as anáforas indiretas. Assim, optamos por analisar os artigos com base nas categorias citadas.

A escolha da temática do artigo de opinião deve-se ao fato de almejarmos refletir como os processos referenciais colaboram para a construção do discurso político, imprimindo o viés argumentativo no texto, contribuindo, dessa forma, para os estudos no campo da Linguística Textual. Afirmamos que através do uso linguagem expressa nos artigos de opinião, podemos traçar um perfil do direcionamento argumentativo apresentado no texto.

Para análise dos dados, seguimos o direcionamento dado por Minayo (2004, p.75) que apresenta três fases que devem ser seguidas para análise de conteúdo: “pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação.” Na primeira fase, fizemos a leitura e a observação do *corpus*; No segundo momento, observamos os processos referenciais que apresentavam maior incidência no gênero; E no terceiro momento, buscamos investigar como as categorias selecionadas contribuem com o direcionamento argumentativo do texto.

A partir do direcionamento de Minayo (2004) descrevemos os passos dados para a coleta, constituição e interpretação do *corpus* selecionado.

- 1ª fase: Escolha do *corpus*: artigos de opinião apresentados na seção Coluna da Revista Veja;
- 2ª fase: Seleção dos artigos de opinião que apresentavam como tema central acontecimentos políticos;
- 3ª fase: Levantamento dos trechos dos artigos que apresentavam maior incidência dos processos referenciais;

4ª fase: Levantamento das categorias para a interpretação dos dados coletados;

No tópico seguinte, faremos a análise dos dados, observando a ocorrência dos processos referenciais nos textos selecionados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a década de 90, os processos referenciais têm ganhado destaque nos estudos da linguagem, em especial, no campo da Linguística Textual. Analisar como se dá a construção de sentido em um processo interativo entre os sujeitos e as coisas do mundo, observar como a linguagem é capaz de referenciar os objetos de discurso construindo enunciados coerentes são questões investigadas pelos estudos da referenciação, vista, hoje, como uma abordagem interdisciplinar.

Na nossa concepção, compreendemos que não há uma estabilidade entre as coisas e a classificação a elas dada e que os sentidos só podem ser construídos no discurso, pois atendem a propósitos comunicativos específicos.

A realidade é, portanto, um produto da nossa percepção de mundo mediado através da linguagem. As nossas práticas culturais determinam o modo como analisamos os objetos do discurso, imprimindo uma significação para eles. Assim, Koch (2015, p. 92) afirma que

[...] a “realidade” é fabricada por toda uma rede de estereótipos culturais, que condicionam a própria percepção e que, por sua vez, são garantidos e reforçados pela linguagem, de modo que o processo de conhecimento é regulado por uma interação contínua entre a práxis, percepção e linguagem.

Nesse contexto, adotamos a visão que o fenômeno da referenciação é uma atividade sócio-cognitivo-discursiva e que a percepção tem o poder de transformar a realidade, determinando a maneira como os objetos do discurso ganham significações dependendo da bagagem cognitiva do produtor e do receptor do texto, bem como do contexto em que os objetos do discurso estão inseridos. Conforme Koch (2016, p. 33),

Os objetos-de-discurso não se confundem com a realidade extralinguística, mas (re) constroem-na no próprio processo de interação: a realidade é construída, mantida e alterada não apenas

pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como sociocognitivamente, interagimos com ele.

A todo momento, os usuários da língua estão num processo interativo com o outro, com a palavra alheia, negociando sentidos para os textos produzidos. Essa interação é marcada por nossa interpretação de mundo e pelas marcas que construímos ao longo da vida como sujeitos historicamente situados. Assim, interpretamos o mundo de maneira sociocognitiva. E essa compreensão passa por uma reelaboração da realidade. Como afirmam Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 41),

[...] a bagagem cognitiva de um indivíduo é de natureza socio-cultural, pois os conhecimentos são adquiridos a partir das informações e das experiências, ou seja, a partir da imersão do sujeito no mundo. [...] a natureza sociocognitiva da referenciação garante o caráter marcadamente dinâmico do processo.

A partir das palavras dos autores, constatamos que a construção de sentidos depende de fatores externos à materialidade linguística, já que as palavras não devem ser vistas como etiquetas com o sentido pré-estabelecido, pois o sentido é negociado no momento da interação entre os usuários da língua.

Para Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 21-22), “a ativação e a reativação de tais conhecimentos são fundamentais para o processo de interação, uma vez que a superfície textual, ou cotexto, é inerentemente ‘incompleta’”. Assim, percebemos que os sentidos do texto vão além daquilo que está posto na materialidade e o interlocutor participa ativamente nesse processo interativo, pois necessita ativar conhecimentos que não estão materializados na superfície textual, mas que são socialmente construídos e compartilhados em uma dada esfera de ação social. Deste modo, muitas vezes, só recuperamos o sentido do texto quando associamos a informação do cotexto ao nosso conhecimento de mundo, utilizando-se do caráter cognitivo da referenciação. Percebemos, assim, o caráter altamente dinâmico dos processos referenciais.

A esse respeito, Adam (2011, p. 113) acrescenta que “a atividade discursiva de referência constrói, semanticamente, uma representação, um objeto de discurso comunicável”.

Deste modo, as escolhas linguístico-discursivas que são selecionadas pelo enunciador têm a finalidade de (re)categorizar os objetos de discurso de determinada maneira, contribuindo com o projeto de dizer do enunciador. Desta

forma, a atividade de referenciação possibilita a construção da representação discursiva dos objetos de discurso a partir de um conhecimento sociocognitivo compartilhado entre o leitor e o enunciador.

Portanto, a referenciação não consiste, somente, em marcar textualmente determinados objetos na superfície textual, mas também em estabelecer informações que estão alocadas em nossa memória discursiva, analisando o efeito de sentido que as escolhas provocam no entendimento do texto.

Deste modo, os referentes só podem ser construídos durante a ação continuada do processo de comunicação. Assim, a referenciação pode ser compreendida como uma atividade interativa em que os interlocutores negociam os sentidos das coisas. Segundo Cavalcante *et all* (2017, p. 96),

[...] o processo de referenciação pode ser definido como a construção e a reconstrução de objetos de discurso (os referentes), os quais não devem ser confundidos com a realidade extralinguística, uma vez que o entendimento é o de que esses referentes (re) constroem a realidade no processo de interação.

Afirmamos, portanto, que os referentes são construídos na ação com o outro. Assim, no ato de argumentar, pomos em questão nossas ideologias, crenças e valores, mostrando, através das escolhas dos processos referenciais, o nosso direcionamento argumentativo, pois ativamos o conhecimento sociocognitivo e negociamos com o outro a nossa percepção dos objetos de discurso.

A literatura aponta que existem três categorias maiores de processos referenciais e Cavalcante *et all* (2017, p. 96-97) apresentam da seguinte forma:

- a. O de introdução referencial, porque há um momento em que os objetos de discurso são apresentados no texto pela primeira vez;
- b. o de anáfora(ou retomada de referentes), porque, depois que os referentes são introduzidos, eles continuam no texto, girando em torno de temas e subtemas, fazendo-os progredir;
- c. o de dêixis (tipos de introdução ou de anáforas que só podem ser entendidas se as relacionarmos ao locutor e ao espaço ou tempo em que ela se encontra).

Os autores complementam essa definição mostrando que os processos de introdução referencial e de anáfora

[...] resultam de estratégias sociocognitivo-discursivas de aparente estabilização dos objetos de discurso no texto. Aparentemente,

porque, na verdade, os referentes nunca ficam completamente estáveis na mente dos interlocutores, pois eles se modificam pelos acréscimos que o cotexto vai mostrando e pelas concepções de cada participante da comunicação, as quais nunca são iguais, porque as ideias nunca são inteiramente iguais para as pessoas. (CAVALCANTE *et all*, 2017, p. 97)

A maneira de introduzir os referentes no texto vai direcionando argumentativamente o interlocutor. A depender do contexto sociocognitivo em que o leitor está inserido, as expectativas do produtor em relação às interpretações do objeto de discurso podem ser confirmadas ou refutadas. Assim, a introdução referencial é a maneira que o produtor utiliza para apresentar o objeto de discurso ao interlocutor, inserindo uma nova entidade no texto. Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 58) mostram que se configura como introdução referencial “apenas quando um objeto for considerado novo no cotexto e não estiver sido engatilhado por nenhuma entidade, atributo ou evento expresso no texto”. Assim, o referente passa a ocupar a mente do interlocutor pela primeira vez.

Já o processo anafórico é a forma encontrada de manter o nóculo em foco, recuperando o referente com o intuito de atingir os propósitos comunicativos. Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 62) nos esclarecem “que existe mais de um tipo de anáfora, mas, qualquer que seja a espécie, todas têm em comum a propriedade de continuar uma referência, de modo direto ou indireto”.

Os processos de introdução referencial e de anáfora são de extrema importância para a construção do modelo textual e, a partir deles, os interlocutores passam a elaborar mentalmente a imagem dos referentes. Assim, eles funcionam como “estratégias sociocognitivo-discursivas de tentativas de estabilização dos objetos de discurso no texto” (CAVALCANTE *et all*, 2017, p. 97).

Diante do exposto, ratificamos o pensamento dos autores quando afirmam que “os processos referenciais – introdução referencial e anáfora- contribuem para a coerência na medida em que garantem a apresentação e a transformação dos objetos textualmente acionados” (CAVALCANTE *et all*, 2017, p. 103). Assim, os processos de introdução referencial e anáfora cooperam com a direção argumentativa do texto, pois introduzem e retomam os referentes segundo os propósitos comunicativos do enunciador.

Em se tratando de progressão referencial, a continuidade de um texto está atrelada à forma como as partes constituintes da tessitura textual vão mantendo

uma relação harmônica dotada de sentido, não necessariamente de forma linear, mas em um ir e vir de movimentos, sejam eles projetivos ou retrospectivos. Assim, para compreendermos a progressão do texto, é necessário observar aquilo que está posto na materialidade, correlacionando com o que será dito e, muitas vezes, com aquilo que é sugerido.

Deste modo, “a discursivização ou textualização do mundo por via da linguagem não se dá como um simples processo de elaboração de informação, mas de (re) construção do próprio real” (KOCH, 2015, p. 96). Desta maneira, a interpretação dos processos referenciais não consiste, simplesmente, em identificar um elemento no cotexto, mas em fazer as inferências necessárias para negociar os sentidos na dimensão discursiva.

Assim, “os referentes e as categorias constituídas resultam de práticas sócio-histórico-culturais marcadas pela intersubjetividade” (ELIAS, 2010, p. 53-54). Corroborando com o pensamento da autora, o fenômeno da referenciação é efetivado de forma negociada, quando outros saberes são ativados no processo, pois os homens fazem uso da linguagem ajustando as palavras a determinados contextos sociais.

Em relação à progressão textual, Koch (2015, p. 99) destaca que

O processamento textual se dá numa oscilação entre vários movimentos: um pra frente (projetivo) e outro para trás (retrospectivo), representáveis parcialmente pela catáfora e anáfora. Além disso, há movimentos abruptos, há fusões, alusões etc. em sentido estrito, pode-se dizer que a progressão textual se dá com base no *já dito*, no que *será dito* e no que *é sugerido*, que se codeterminam progressivamente. [...] A progressão textual renova as condições da textualização e a conseqüente produção de sentido.

Enfatizamos que as formas nominais e as expressões referenciais colaboram com a progressão textual nesse movimento de introdução de referentes e retomadas, ora ativando determinada expressão, ora colocando-a em *stand by*. Cabe ressaltar aqui que as escolhas são intencionais e provocam determinados efeitos de sentido. Uma expressão referencial e uma forma nominal são selecionadas e ativadas de determinada maneira, dentre tantas outras possíveis, mostrando, assim, a direção argumentativa do seu enunciador. Confirmando esse pensamento, Koch (2016, p. 35) afirma:

Tenho ressaltado que o emprego de uma descrição nominal, com função de categorização ou de recategorização de referentes,

implica sempre uma escolha entre uma multiplicidade de formas de caracterizar o referente, escolha esta que será feita, em cada contexto, segundo a proposta de sentido do produtor do texto.

Deste modo, as expressões referenciais operam sobre os objetos do discurso, categorizando ou recategorizando tais referentes, imprimindo marcas no cotexto que nos permitem construir uma rede de significações que vão além da materialidade linguística. Essas escolhas intencionais revelam o caráter argumentativo da referenciação, pois as expressões referenciais constroem a imagem do objeto do discurso que pode se manter a mesma ao longo da progressão textual ou ganhar nova significação. Ressaltamos que, a cada nova retomada do referente, novos significados podem ser atribuídos, já que as práticas sociais modificam-se, dependendo de fatores sócio-histórico-culturais.

No gênero artigo de opinião, essas estratégias evidenciam o modo como o enunciador vai edificando uma rede de significações, envolvendo o leitor na sua estratégia de dizer, portanto, todas as escolhas feitas visam convencer o sujeito-leitor a compartilhar das mesmas ideias e pensamentos que estão sendo veiculadas no texto.

Em nossa análise, identificamos, descrevemos e analisamos os processos referenciais nos artigos de opinião que apresentam como eixo central a figura do referente “Lula”. Assim, o artigo que segue mostra o direcionamento argumentativo do texto a partir do uso de expressões nominais definidas e indefinidas, introduções referenciais e anáforas indiretas.

A partir das categorias mencionadas, o texto vai construindo a imagem dos objetos de discurso, mostrando, a partir do uso de processos referenciais, o direcionamento argumentativo do texto. Deste modo, analisamos a referenciação como uma atividade que se constitui no discurso e contribui com a orientação argumentativa dos textos

ARTIGO “MELHOR ASSIM”, J. R. GUZZO

No artigo, “Melhor assim”, de J. R. Guzzo, temos como eixo central a condenação do ex-presidente. A partir desse fato, o enunciador vai construindo a imagem da condenação de Lula e focalizando determinados pontos do comportamento do ex-presidente perante a acusação de corrupção.

Antes de iniciar o artigo propriamente dito, o texto apresenta um subtítulo que, de início, já nos mostra o direcionamento argumentativo através do uso do modificador “chocado”. Vejamos o trecho:

[1] Lula constata,ocado, que realmente não está acima da lei, como no fundo sempre acreditou que estivesse.

No excerto, percebemos que o uso do qualificador “chocado” é posto no texto para caracterizar a reação de Lula diante de sua condenação, pois, segundo o enunciador, Lula acredita que está acima da lei. De acordo com Koch, (2015, p. 118), “a seleção dos modificadores avaliativos é feita de acordo com a orientação argumentativa que se pretende dar ao texto”. Desse modo, percebemos o tom irônico, no uso do qualificadorocado, inferindo que Lula ficou surpreso, abismado com sua condenação, porque “no fundo” ele acreditava ser soberano à lei que regulamenta o nosso país. A ironia apresentada é enfatizada através do uso do advérbio “sempre”, que traz a ideia de algo duradouro; assim, dá margem para inferirmos que Lula acredita que há muito tempo está acima da lei e que não podia, em hipótese alguma, ser atingido por ela.

O artigo inicia, portanto, mostrando a orientação argumentativa relacionada à figura do ex-presidente. Primeiramente, é utilizada a introdução referencial “Lula” e, em seguida, o enunciador faz construções linguísticas para categorizar o objeto de discurso mencionado, mostrando pistas cotextuais do seu posicionamento argumentativo, como fica evidenciado na ocorrência a seguir:

[2] EIS AÍ, ENFIM, o ex-presidente Lula condenado a nove anos e tanto de cadeia por corrupção pela Justiça Penal do Brasil. Está colhendo o que plantou. Depois de arruinar a própria biografia, desmanchar com a sua conduta os mitos que criou em torno de si e aparecer na frente do país inteiro como a pessoa que realmente é, igual ao rei nu do conto para crianças, Lula tem agora uma selva escura pela frente.

No trecho em estudo, as expressões destacadas enfatizam a situação difícil em que se encontra o referente anunciado. Lula, agora, não é só o ex-presidente, ele assume o papel do ex-presidente “condenado”, imprimindo uma marca negativa ao referente, pois, segundo o texto, Lula foi considerado culpado por praticar atos de corrupção.

Há também uma comparação entre Lula e o rei nu, fazendo alusão à história infantil em que o rei aparece sem roupas na frente de todos do reino. No

conto citado, a população finge ver no rei uma roupa magnífica, com o pretexto que só os inteligentes podiam enxergar, mas ele não consegue ludibriar as crianças, pois elas usam da sinceridade e afirmam que o rei não possuía vestimenta alguma. Assim, os moradores do reino acabam percebendo que o rei está, de fato, sem roupa, e ele passa a ser alvo de zombaria.

Podemos inferir, nesse trecho, que a associação da imagem de Lula à figura do rei nu pode ser compreendida como um Lula sem máscaras, sem disfarces. Deste modo, a população passa a enxergar o ex-presidente “sem vestimentas”, desfazendo a imagem de político honesto, como se os brasileiros passassem a ver os fatos com os olhos sinceros das crianças. Deste modo, a partir do momento da sua condenação, Lula assume um outro papel perante a sociedade, porque a verdade vem à tona.

Logo em seguida, a expressão nominal indefinida: “uma selva escura” sugere que Lula irá enfrentar o desconhecido. O enunciador faz uso de uma metáfora que contribui com a sua visão sobre o fato relatado e nos orienta argumentativamente, pois é uma escolha que contribui com o posicionamento assumido no texto. Koch (2015, p. 113-114), a respeito do uso metafórico, afirma que “em grande número de casos, a escolha da metáfora para recategorização do referente é importante para realizar uma avaliação que permita estabelecer a orientação argumentativa”. Neste caso, a selva escura representa, para Lula, a condenação, a prisão, um caminho que não fora planejado pelo ex-presidente. Ao utilizar o pronome indefinido “uma”, fica mais evidente o tom de incerteza, de vaguidão que será enfrentado por ele. A dúvida ainda é realçada pelo adjetivo “escura”, trazendo uma atmosfera sombria para a situação do ex-presidente. Observa-se, assim, como a expressão nominal indefinida contribui para a construção da situação vivida por Lula e mantém a progressão textual.

No trecho seguinte, uma nova expressão referencial é inaugurada no texto. Vejamos:

[3] Ainda assim, confiante na força do Brasil Velho que abraçou de corpo e alma, esse Brasil onde quem manda não paga, achou que jamais poderia ser enfrentado por um “juizinho” do interior do Paraná, formado na Faculdade de Direito de Maringá e desconhecido pelas bancas milionárias de advogados do circuito Brasília-São Paulo-Rio de Janeiro. Sergio quem? Sergio Moro? Quem é esse cara para mexer com o maior presidente que o Brasil e o mundo já viram?

Nesse excerto, um novo referente é apresentado através de uma expressão nominal indefinida: “um ‘juizinho’ do interior do Paraná”. O uso do nome juiz no diminutivo e a utilização das aspas reforçam a imagem de autoridade que vai se construindo através das expressões que se seguem, como: “Faculdade de direito” e (juiz) “desconhecido pelas bancas milionárias de advogados”. O enunciador baseia o seu plano argumentativo nas perguntas presentes no trecho e enaltece a atuação do juiz através delas. Ele dirige-se ao leitor e questiona quem é o tal “juizinho”: “Sergio quem? Sergio Moro? Quem é esse cara [...]?”. Esses questionamentos provocam uma dinâmica no texto e envolvem o leitor na trama argumentativa.

Para retomar “o juizinho”, o enunciador seleciona a palavra “cara” e o demonstrativo “esse”. O emprego da expressão nominal anafórica, segundo Koch (2016, p. 37), “opera a recategorização dos objetos-de-discurso, isto é, de que forma tais objetos, ao longo do texto, vão sendo (re)construídos de determinada forma, atendendo a propósitos comunicativos do falante/escrevente”.

Assim, percebe-se que a expressão “esse cara” traz uma carga valorativa para a conduta do juiz e pode ser interpretada como alguém corajoso, audacioso, que teve a ousadia de “mexer com o maior presidente que o Brasil e o mundo já viram”. Nessa última construção linguística em destaque, percebe-se uma recategorização na figura de Lula. Ele passa pela imagem de “o ex-presidente condenado” a “o maior presidente do Brasil”. Assim, a imagem de Lula vai sendo construída de acordo com os propósitos comunicativos do produtor. Ora, ele é o condenado, ora, o melhor presidente do Brasil, que consegue ser “capturado” por um juizinho. Observa-se, claramente, que a intenção de enaltecer Lula está atrelada à ação de conseguir prendê-lo, ou seja, a intenção não é de elogiar o ex-presidente, mas de moralizar a conduta do juiz Sergio Moro que consegue um feito para a história do Brasil: condenar e, posteriormente, prender o ex-presidente Lula.

No trecho seguinte, observamos a metáfora construída para desmoralizar o governo Lula e a anáfora indireta que enfatiza o cenário apresentado. Vejamos:

[4] Quando o oceano de corrupção em seus dois governos começou a vaziar, Lula tinha certeza de que era capaz de andar sobre a água, como Jesus Cristo – só que conseguia andar melhor que ele. Com o tempo, foi vendo que não era bem assim. Depois, viu que não era nada assim. Acabou virando, em 12 de julho de 2017, o primeiro presidente da história do Brasil a ser condenado por violar o Código Penal.

A expressão metafórica representada pela expressão nominal definida, “o oceano de corrupção”, produz um efeito negativo em relação ao governo Lula. O enunciador coloca o leitor para imaginar quantos deslizamentos não cabem dentro de um “oceano”, quantos erros cometidos pelo governo mencionado não afetaram diretamente a vida da população brasileira, afinal, é um “oceano de corrupção” que durou 8 anos.

Sobre o uso metafórico, Palumbo (2007, p. 94) afirma que “apesar da metáfora ser polissêmica por natureza, ao ser inserida em determinada situação de interação, os efeitos de sentido dessa figura podem ser delimitados ou direcionados, de acordo com a organização do discursivo”. Assim, a metáfora pode ser compreendida como uma estratégia que conduz o fio argumentativo do texto.

Essa expressão metafórica também serve de âncora textual para o referente “a água”, que atua no trecho como uma anáfora indireta, já que conseguimos recuperar a informação baseada na palavra oceano, fazendo uma associação da parte com o todo. A expressão “a água” ativa um “novo” referente e reativa a expressão “o oceano”. Para Marcuschi (2016, p. 60), esse processo pode ser considerado

[...] uma ativação-reativação na continuidade do domínio referencial. Assim, pode-se dizer que a *AI* é uma espécie de *ação remática* e *temática simultaneamente*, uma vez que traz a informação nova e velha, produzindo uma *tematização remática*.

Como explanado pelo autor, as anáforas indiretas contribuem para manter o tema em foco, através de escolhas lexicais que fazem parte do mesmo campo semântico, vai recuperando o já dito e acrescentando ao “dado velho” a informação nova, mantendo o referente ativado na memória discursiva do leitor.

Ainda nesse trecho, percebemos a ativação de um novo referente: “Jesus Cristo”. A introdução referencial tem papel crucial na interpretação do excerto. É necessário conhecermos a história bíblica a que o texto faz menção para compreendermos a mensagem que o enunciador deseja passar. Lula é comparado a Jesus Cristo e, assim, ativa nos leitores um conhecimento sociocognitivo que remete à passagem bíblica de Mateus. É possível fazer a leitura de que o ex-presidente se sente mais poderoso do que o próprio Jesus, pois o trecho informa que ele anda sobre as águas de modo mais seguro, e isso implica dizer que Lula acredita estar acima da lei natural dos homens. Notamos, também, a partir desse trecho, uma recategorização do referente Lula, passando a imagem de

um homem que possui soberba e audácia, pois ele se vê numa posição em que nada pode atingi-lo.

Em seguida, o referente Lula é descrito pela expressão: “o primeiro presidente da história do Brasil a ser condenado”. A expressão que rotula o ex-presidente também é reveladora da argumentação. Observa-se que não é qualquer presidente, mas “o primeiro”. O uso do artigo definido acompanhado de um numeral mostra a grandiosidade do acontecimento. Lula não é mais um presidente a ser condenado, ao contrário, ele inaugura na história algo nunca registrado. Deste modo, a seleção das escolhas lexicais traça um perfil do ex-presidente como um ser corrupto e merecedor da sentença recebida.

Diante do exposto, percebemos que o artigo de opinião vai construindo duas imagens: a de Lula e a do Juiz Sergio Moro. No excerto seguinte, percebemos, mais uma vez, a tentativa do enunciador de manchar a imagem do ex-presidente e enaltecer a imagem de Moro. Vejamos:

[5] Lula levou um susto quando ficou cara a cara com Moro e descobriu que não havia a menor possibilidade de assustar o moço de 44 anos que o interrogava;

A expressão “o moço de 44 anos” traz para a imagem do juiz uma atmosfera de jovialidade e sugere que, apesar da “pouca idade”, “o juizinho do interior do Paraná” não se deixa amedrontar pelo presidente. Já à imagem de Lula, são acrescentadas, ao longo do texto, expressões que traçam o perfil de um homem desonesto, que desafia a justiça e se considera acima da lei.

Para continuar a descrição do cenário vivido por Lula, o enunciador introduz novos referentes e faz um julgamento a respeito da falta de atitude dos “companheiros” do ex-presidente. Segue o trecho:

[6] Pensou, também, que os exércitos do MST, da CUT, dos sem-teto etc. iriam encher as ruas com multidões em sua defesa; não aconteceu nada. Cansou de repetir que só estava sendo processado porque “eles não querem que eu ganhe as eleições de 2018”. Eles quem? Não colou. Finalmente, deu o assunto por resolvido de uma vez declarando que tinha “provado” a sua “inocência”. Convenceu o PT e os militantes, mas não convenceu quem realmente precisava ser convencido — o juiz.

Os referentes introduzidos foram utilizados de maneira proposital para enfatizar a situação difícil vivenciada por Lula. Ora, se “os exércitos do MST, da

CUT, dos sem-teto”, que são aliados inseparáveis do ex-presidente, não estão nas ruas reivindicando a inocência dele, o enunciador sugere que ninguém mais o fará. A respeito das introduções referenciais, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 58) afirmam que

Além da função intrínseca de introduzir uma nova entidade no texto/discurso, as introduções referenciais podem cumprir finalidades outras, como a de construir processos intertextuais, que, por sua vez, atendem a outros objetivos argumentativos.

Deste modo, as introduções referenciais apresentadas no trecho, além de suscitarem novas entidades, fazem com que o leitor ative conhecimentos alocados na memória discursiva. Conhecer os “exércitos do MST, da CUT, dos sem-teto” e a “bandeira” que eles defendem é fundamental para fazer as inferências necessárias à interpretação do excerto.

No final do trecho, temos uma expressão nominal anafórica – “o juiz” – que retoma o termo “Sergio Moro” e é utilizada para enfatizar o poder que essa profissão denota perante a sociedade, pois, para Lula ser considerado inocente, deveria ter convencido o juiz, e não “o PT e os seus militantes”, ou seja, a condenação de Lula está nas mãos do “juizinho do interior do Paraná”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo identificar, descrever e analisar processos referenciais empregados em artigos de opinião da revista *Veja*, seção Coluna, observando, ainda, se tais processos, de alguma maneira, afetam a orientação argumentativa dos textos desse gênero.

De início, observamos que vários processos referenciais figuravam no gênero em estudo. Assim, além da introdução referencial, observamos uma incidência significativa de expressões nominais (definidas e indefinidas) e de anáforas indiretas. Em consequência disso, selecionamos essas categorias para a análise do objeto em estudo.

Dessa forma, analisamos o artigo a partir das categorias mencionadas, selecionando aqueles que apresentam o objeto de discurso “Lula” como cerne da argumentação. Optamos por trabalhar com os artigos que apresentavam o viés político e, a partir dessa escolha, selecionamos oito artigos de opinião que apresentavam uma incidência maior de processos referenciais e possuem como

eixo central o referente mencionado. Neste estudo, fizemos a seleção de um artigo para compor a análise.

O fato de a referenciação trabalhar com processos que utilizam diretamente a língua nos mostra que ela é uma atividade dinâmica e interativa. Assim, afirmamos que a forma de nomear as coisas do mundo já se apresenta como uma atividade pautada na argumentação, uma vez que, como construtores sociais, utilizamos a língua com propósitos comunicativos específicos. Desse modo, os nossos enunciados são carregados de intencionalidades discursivas, ao passo que nenhuma escolha linguística pode ser avaliada como neutra.

No nosso entendimento, o texto é considerado um processo que reúne vários fatores em sua composição, sendo que o seu sentido não pode ser construído observando apenas a materialidade linguística, pois essa construção de sentido precisa estar atrelada ao entorno social. Desta forma, o material linguístico não é suficiente para compreender a complexidade do fenômeno linguístico e os interactantes precisam ativar conhecimentos que estão alocados na memória discursiva.

Desse modo, compreendemos que os processos referenciais são “mecanismos” linguísticos que contribuem para a orientação argumentativa do texto, pois a forma como os objetos de discurso são (re)categorizados revela o posicionamento assumido pelo enunciador. Assim, buscamos investigar como os processos referenciais constroem a imagem do referente e dão vida a ele. Importante ressaltarmos que não é a simples inserção dos processos referenciais no texto que mostra tal orientação argumentativa, mas o modo como os processos são utilizados para sustentar as teses apresentadas no texto.

Em se tratando do emprego das introduções referenciais, constatamos que elas têm a função de apresentar, no texto, o referente, trazendo assim uma informação nova. A maneira como essa introdução referencial é apresentada revela marcas de subjetividade do enunciador e mostra também, muitas vezes, o tom de formalidade ou informalidade que o enunciador imprime ao texto.

Em relação ao uso das anáforas indiretas, reiteramos que elas são um dos principais elementos de coesão dentro do texto. O cotexto assume papel decisivo em seu processo de interpretação, pois é a partir dele que elementos são recuperados e mantidos em foco. Muitas vezes, cabe ao leitor inferir os sentidos que são negociados através do uso dessa categoria.

Assim, a anáfora indireta é utilizada no texto para reforçar a progressão textual e manter o elo com algo explicitado anteriormente.

Já o uso das expressões nominais definidas e indefinidas assume um papel decisivo na categorização e recategorização dos objetos de discurso. São elas que, na maioria das vezes, rotulam o referente. Através do uso de substantivos e de determinantes, as expressões nominais vão desenhando o perfil dos objetos de discurso de acordo com a argumentação apresentada.

A análise dos processos referenciais do ponto de vista argumentativo permitiu que observássemos a tentativa de desconstruir a imagem de determinados objetos de discurso e de enaltecer outros referentes. Por se tratar do gênero artigo de opinião, o objetivo primordial é convencer o leitor de que a construção linguística feita para caracterizar os referentes é a mais ajustada e coerente com o contexto apresentado. Assim, o referente “Lula”, por exemplo, é categorizado, ao longo dos artigos, de maneira negativa, imprimindo a imagem de um político desonesto.

Apontamos que essa categorização advém, em parte, do fato de os textos terem sido publicados na Revista Veja, veículo de comunicação que adota uma postura particular ao tratar de política. Isso pode ser atestado quando observamos, nas páginas dos artigos analisados, a apresentação de críticas severas ao Partido dos Trabalhadores e a Lula, assumindo, deste modo, uma postura político-partidária.

O estudo indica que os referentes são construídos no e pelo discurso e que são introduzidos e retomados estrategicamente para imprimir o ponto de vista do enunciador.

Esperamos que, a partir desse estudo, o fenômeno da referenciação ocupe um espaço maior no meio acadêmico, como também na educação básica, e que a investigação dos processos referenciais vinculada à esfera argumentativa possa, cada vez mais, contribuir com os estudos da linguagem.

Ao realizarmos este trabalho, constatamos que há muitas perspectivas de pesquisa relacionadas aos processos referenciais e à argumentação, entre elas, apontamos para a possibilidade de que outros estudos possam investigar a forma de apresentar o referente, a partir das introduções referenciais, como determinante para a progressão textual, uma vez que pode também revelar a orientação argumentativa do texto. Além disso, acrescentamos pesquisas que focalizam o uso de expressões nominais, investigando quais as implicações desse processo para a construção da argumentação.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. M. **A Linguística Textual**: introdução à análise textual dos discursos. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes Silva Neto, Luis Passeggi e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. São Paulo: Cortez, 2011.

APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 53-84.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, M. M. Coerência e referenciação. In: MARQUESI, S.C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V.M. (Orgs.). **Linguística textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

ELIAS, V. M. Referenciação e orientação argumentativa em artigos de opinião. In: GUIMARÃES, E. (Org.) **Textualidade e discursividade na linguística e na literatura**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010. p. 49-62

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUZZO, J. Melhor assim. **Veja**. São Paulo, edição 2539, ano 50, nº 29, 19 de julho, 2017.

KOCH, I. G. V. Referenciação e orientação argumentativa In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 33-52.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Anáfora indireta**: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.). Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2016. p. 53-101.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2015.

PALUMBO, R. **Referenciação e argumentação**: a dinâmica nas orientações argumentativas em debates políticos televisivos. 2007. 193f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.